

O direito ao disparate



Ricardo Neves-Neves é autor, encenador e actor de uma *Batalha de Não Sei Quê*, que faz de um quintal uma zona de guerra e da infância e do absurdo forças aliadas. A partir de quarta-feira, no Teatro da Politécnica, em Lisboa.

Gonçalo Frota

de alguém que sirva brevemente de Presidente da República, é chamado a intervir para dar o ok às manobras militares em curso.

"O universo infantil é algo que me agrada muito", reconhece Ricardo Neves-Neves, autor, encenador e Aviator desta *Batalha de Não Sei Quê* que se estreia na próxima quarta-feira, dia 13, no Teatro da Politécnica, em Lisboa. "Acho que uma coisa transversal a toda a gente são aquelas vivências, presentes na infância, do primeiro contacto que se tem com a ficção, através da animação e da banda desenhada. É uma coisa de que não fujo. E as minhas grandes memórias em termos de ficção estão muito mais ligadas ao filme que vi com quatro anos do que ao filme que vi há quatro anos." Não espanta, por isso, que esse filme que terá visto umas 400 vezes entre os quatro e os sete anos tenha dado vida à sua peça anterior, *Mary Poppins, a Mulher que Salvou o Mundo*.

Como mote, *Mary Poppins* pode ter-se já esgotado para Neves-Neves, mas o que fica seguramente intocado na sua linguagem teatral é esta recusa de embarcar num teatro que se proponha "apontar o dedo à sociedade e aos comportamentos", assinando uma mais explícita ou mais dissimulada crítica social por parte do autor. Interessante é esta forma denunciada que anglofonos e francófonos mantêm ao falar em *play e jouer*, esta maneira de injectar um tom lúdico no palco e não mascarar tudo com uma fachada trágica e fatalista de vida ou morte. Morte, aqui, só se for coisa para uma personagem se esparramar no chão até, por fim, se entediar e retomar o seu lugar na história.

"A brincadeira é uma coisa que me faz falta e que gosto de ver no teatro enquanto espectador. Por isso, quando o impulso para um espectáculo parte de mim, fico angustiado se os actores não propõem esse tipo de brincadeira e fazem dos ensaios algo levado muito a sério", revela. "Aqui, há uma busca pelo direito ao disparate, pelo direito à parvoíce." Em *A Batalha...*, essa falaciosa superficialidade surge não apenas no absurdo tangente tanto à rábula humorística de Raul Solnado (*A Guerra de 1908*), quanto ao universo teatral de Fernando Arrabal de *Piquenique num Campo de Batalha* ou romanesco de Dino Buzzati em *O Deserto dos Tártaros*. Esta guerra tem campainha, hora mar-

cada para o início das trocas de agressões (de preferência só depois do lanche) e uma espera pela acção inimiga que pode prolongar-se vida fora. "O sentimento de perder a vida ou de perder o território no sentido nacionalista" é largamente ultrapassado pela preocupação de "perder o sítio para fazer piqueniques, para fazer jogos, perder a cama onde se dorme, o lugar onde estão os baloiços, de onde se pode olhar a lua e apanhar sol".

Ao cair da noite

São dez para as cinco da tarde e caí a noite. Ajudada por um eclipse, convenhamos. Ainda assim, só o Tenente não se entrega prontamente ao sono e fica a trocar ideias com a Lua, numa entrada em cena da melancolia, de um tom menor que sucede à euforia inicial. Mais uma vez, é uma ideia decorrente de um pensamento musical bastante presente na estruturação da escrita de Neves-Neves para o palco – sabia que queria começar num acorde maior e caminhar para o tal tom menor. Foi também através da música que descobriu a abordagem à encenação de *Menos Emergências*, conjunto de peças do britânico Martin Crimp, em reposição de 14 a 31 deste mês no Teatro da Trindade. "São três peças com um grande desenho, com narração de grandes acções, mas em que a acção nunca acontece, as situações são sempre contadas", descreve. A solução passou então por colocar um coro a cantar música exaltada num

contraste desconcertante, quase nauseante, com textos que falam de "uma mulher que engravida e foge, várias crianças que são mortas num assalto e uma criança que, no meio de uma manifestação, é atingida por engano e morre sozinha em casa".

A noite, portanto, voltando à *Batalha de Não Sei Quê*, estende também uma passeadeira para a entrada em cena dos medos e das angústias. "Foi aí que trabalhámos exactamente a questão do medo, de perder a vida, da real responsabilidade de avançar para uma batalha", diz o actor, encenador e autor, que procura sempre posicionar-se em palco de maneira a ganhar uma perspectiva sobre o trabalho do restante elenco. É também caída a noite que a música se transforma numa "estrambólica" interpretação de *A Sação do Dia*, de Schubert, em homenagem ao tempo solar e ao quotidiano, dando lugar ao medo nervoso daquilo que o escuro pode trazer.

O medo ecoa também no receio de Ricardo Neves-Neves desta constante submissão ao escrutínio público, sobretudo na pele de autor. Mas a verdade é que embora se surpreenda por ser a escrita descomprometida a sua fonte maior de oportunidades e de reconhecimento, não há como escapar ao magnetismo deste mergulho insólito e misterioso num mundo tão fantástico que nos devolve sempre para uma realidade pálida e triste em comparação.